



TESTE DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Ano Letivo 2012/2013

A PREENCHER PELO ESTUDANTE

Nome completo	
BI/CC nº	Emitido em (localidade)
Assinatura do Estudante	
Teste de PORTUGUÊS	Ano de Escolaridade 7º
Turma	Nº
1º/2º/3º CEB/ CEF/ES/ EP	
Duração do Teste 90 mn	Número de Páginas Utilizadas

A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem	
Correspondente ao nível	Menção Qualitativa de
Assinatura do professor classificador	
Observações:	Data / /

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Em caso de engano, deve riscar, de forma inequívoca, aquilo que pretende que não seja classificado.

Escreva de forma legível a identificação das actividades e dos itens, bem como as respectivas respostas.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser identificadas são classificadas com zero pontos.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As cotações dos itens encontram-se no final de cada questão.

I

Compreensão do oral

1. Ouve atentamente a lenda, “O castelo de D. Branca” e selecciona a alínea correta para responderes a cada questão:

1. Em que concelho se passa esta lenda?

- a) Alter do Sal.
- b) Carregal do Sal.
- c) Torres Novas.
- d) Torres Vedras.

2. O nome completo de D. Branca era D. Branca

- a) de Vilhena.
- b) de Massena.
- c) de Verbena.
- d) de Chalema.

3. Um dia, D. Branca pariu um par de gémeos

- a) que eram lindos como o sol.
- b) que choravam noite e dia.
- c) que eram muitos diferentes.
- d) que eram exatamente iguais.

4. D. Branca decidiu, então,

- a) mandar matar um dos bebés.
- b) enviá-los para casa de uma tia.
- c) contratar um médico falso.
- d) Mentir ao marido e dizer que morreram.

5. Ao saber o que se passara, o marido de D. Branca

- a) deu-lhe uma valente tarefa.
- b) decidiu fingir que nada acontecera.
- c) disfarçou-se de mendigo e foi bater à porta do castelo.
- d) mandou um pajem arrancar a língua a um cão.

6. O menino foi criado por

- a) um pescador.
- b) um moleiro.
- c) um alfaiate.
- d) um agricultor.

7. Ao ver o menino, D. Branca

- a) não o reconheceu.
- b) percebeu imediatamente que era o seu filho.
- c) ignorou-o.
- d) fez-lhe um carinho.

8. D. Branca, de remorsos, decidiu

- a) enforcar-se.
- b) envenenar-se.
- c) atirar-se da janela.
- d) atirar-se ao rio.



9. O fantasma de D. Branca passou a ser visto

junto ao

- a) Mondego.
- b) Tejo.
- c) Douro.
- d) Guadiana.

10. Diz-se que a acompanha, todas as noites, o Diabo em forma de

- a) boi.
- b) lobo.
- c) corvo.
- d) mastim.

II- Leitura

Lê com atenção o poema que se segue e responde às questões com frases completas:

Pedra Filosofal

- 1 Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
5 como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
10 que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

- eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
15 bichinho álaçre e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.

- 20 Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
25 máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,
30 que é cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
35 passarola voadora,
pára-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
40 ultra-som, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.
- Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
45 que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

António Gedeão, In *Movimento Perpétuo*, 1956

Primeira estrofe:

- 1. O sujeito lírico diz-nos que “o sonho/ é uma constante da vida” (vv. 1-2). Explica esta definição.
- 2. O sujeito poético compara o sonho a vários elementos da natureza. Enumera-os.

Segunda estrofe

- 3. Transcreve todas as metáforas utilizadas para definir o sonho.

Terceira estrofe



4. Para continuar a sua definição de **sonho**, o sujeito poético recorre, agora, a uma longa enumeração.

- 4.1. Indica a classe de palavras dominante.
- 4.2. Identifica elementos do poema que refiram:
 - a) o gosto pela aventura;
 - b) a época dos Descobrimentos;
 - c) as artes (pintura, arquitetura, música, teatro, dança).
- 4.3. Transcreve um verso referente:
 - a) à conquista do mar;
 - b) à conquista do ar;
 - c) ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Quarta estrofe

- 5. Explica a relação de causa/ efeito que o sujeito poético estabelece entre o sonho do Homem e o avanço do mundo.
- 6. Justifica a escolha do título para este poema.

Análise formal

- 7. Classifica os versos quanto ao número de sílabas métricas.
- 8. Classifica a segunda estrofe quanto ao número de versos.
- 9. Identifica o tipo de rima existente entre os versos 20 e 23.
- 10. Retira um exemplo de rima rica do poema, não esquecendo de identificar os versos envolvidos.

III- Gramática

- 1. Nas frases que se seguem, distingue as que têm uma oração subordinada adjetiva (**A**) das que possuem uma oração subordinada substantiva (**S**):
 - a) O jogo, que acabou muito tarde, foi fraco. _____
 - b) O homem que assaltou a ourivesaria foi apanhado. _____
 - c) O Miguel disse que não tinha culpa. _____
 - d) O polícia perguntou se eu tinha a carta. _____
 - e) Bárbara, que era escrava, conquistou o coração do poeta. _____
 - f) Ele confessou que era doido por ela. _____
 - g) Penso que o culpado foi ele. _____
 - h) O modo como falou comigo desagradou-me bastante!
 - i) O réu declarou que era inocente das acusações. _____
 - j) O carro cujo para-choques está amolgado é o teu?
- 2. Identifica as preposições/ locuções prepositivas presentes nas frases seguintes (contraídas ou simples):
 - a) Vou com o Miguel ao cinema conforme combinado.



- b) Depois do jantar saio de casa sem barulho para ir ter contigo.
- c) Por cima da estante está o livro que queres.
- d) Desde ontem que estou com febre.

3. Transforma as frases, substituindo os complementos diretos e/ou indiretos pelo(s) pronome(s) correspondente(s):
- a) O filme agradou muito ao homem que estava à minha frente.
 - b) O Joaquim ofereceu um anel à noiva.
 - c) Esperarei o meu amigo quanto tempo for preciso.
 - d) Talvez conheças o rapaz de quem te falo.
 - e) Como estava frio, adiámos a viagem de núpcias.

IV- Produção escrita

Cria um poema, seguindo a exata estrutura do poema de António Mota que te apresento:

Se tu visses o que eu vi
desatavas à gargalhada
uma cobra com doze patas
a comer uma salada.

Se tu visses o que eu vi
desatavas a fugir
uma sardinha a mamar
e um pinto a latir.

Se tu visses o que eu vi
fugias para outro lado
uma gata a tocar guitarra
e um cão a cantar fado.

Se tu visses o que eu vi
ficavas com os cabelos no ar
um porco a dançar uma valsa
e uma lesma a saltitar.

Se tu visses o que eu vi
ficavas de boca aberta
uma cabra com sete rabos
em cima de uma caneca.

Se tu visses o que eu vi
muito havias de rir
comias a sopa toda
e voltavas a repetir.

BOM TRABALHO!

A DOCENTE: Lucinda Cunha

Proposta de correção

I. 1-b; 2-a; 3-c; 4-a; 5-d; 6-b; 7-b; 8-c; 9-a; 10-d



Texto: Lenda de Dona Branca

Em Currelos, no concelho de Carregal do Sal, há um antigo castelo quadrangular com janelas ogivais, ao qual o povo chama Castelo de Dona Branca.

Conta a lenda que esta se chamava, de seu nome completo, Dona Branca de Vilhena. Era fidalga e vivia feliz com seu marido no castelo das janelas ogivais até ao dia em que pariu um par de gémeos.

Não podendo acreditar que eram ambos filhos do mesmo pai e, por outro lado, tendo consciência absoluta de não ter conhecido outro homem, Dona Branca entrou em pânico. Que diria de si aquele marido tão amigo? Certamente ia escorraçá-la de casa mais os filhos, ou mandá-la expor no pelourinho para vergonha pública! Não, antes mandar matar uma das crianças e viver em paz o resto da vida!

Mandou chamar um pajem de sua muita confiança, entregou-lhe o menino que nascera em segundo lugar e ordenou que o fizesse desaparecer para todo o sempre. E como prova de que a sua ordem fora executada, disse ao rapaz que lhe trouxesse a língua da criança.

O pajem lá partiu para cumprir a sua ordem, sentindo um nó na garganta e o estômago revoltado com a crueldade. Seguiu Mondego abaixo quando encontrou o seu senhor e decidiu contar-lhe tudo.

O fidalgo mandou arrancar a língua a um cão e levá-la a Dona Branca, para que descansasse. Depois pegou no menino e foi entregá-lo a um moleiro, muito em segredo, para que o criassem sem que nada lhe faltasse, trazendo-o sempre vestido como andava o irmão.

Passou-se o tempo, e um dia, pela festa do Espírito Santo, o menino do moleiro veio à romaria. O fidalgo, Dona Branca e a outra criança saíram também do seu castelo, para irem à festa. No caminho encontraram-se todos e o fidalgo, apontando a criança que o moleiro trazia em cima do burro, vestida como o seu filho, disse a Dona Branca:

- Ora aqui está um menino que se parece com o nosso! Era digno de viver com ele e de ser nosso filho!

Dona Branca empalideceu e não disse palavra. Dentro de si estalaram todas as certezas laboriosamente construídas ao longo daqueles anos de remorsos e saudade. Percebendo que o marido sabia de tudo, pegou no menino, levou-o para casa e sentou-o à mesa, onde pela primeira vez comeu com a sua família. Deitou-o depois na cama com o irmão e aconchegou-lhes a roupa.

Era noite fechada quando Dona Branca se aproximou como que distraída de uma das janelas do castelo. Só quando o fidalgo, sentado de costas para as janelas, em frente da lareira, ficou sem resposta a uma sua pergunta, se apercebeu de que Dona Branca desaparecera.

Lá em baixo brilhava ao luar o seu corpo, de costas para a vida.

Dali por diante, todas as noites andava pela margem do Mondego o fantasma branco e brilhante de Dona Branca, penando no local em que mandara afogar o seu filho. Diz-se que a acompanhava o Diabo, branco e brilhante como ala, em forma de mastim.

(In <http://www.prof2000.pt/users/sombra/currelos.htm> - cons. 25-04-2013)

II- questões deste grupo retiradas do manual “Diálogos 7” da Porto Editora (com adaptações).

1. Esta afirmação quer dizer que o sonho é algo que faz parte da vida, que é “constante”, permanente, indissociável do ser humano.
2. O sujeito lírico compara o sonho a elementos da natureza, como sendo a uma “pedra cinzenta”, a um “ribeiro manso”, aos “pinheiros altos” e às “aves que gritam”.
3. As metáforas usadas na segunda estrofe para definir o sonho são as seguintes: “é vinho, é espuma, é fermento, / bichinho álcere e sedento”.
- 4.1. A classe de palavras dominante é o nome.
- 4.2.
 - a) *retorta de alquimista; florete de espadachim*
 - b) *mapa do mundo distante; rosa dos ventos; Infante; caravela quinhentista; Cabo da Boa Esperança; ouro; canela; marfim;*
 - c) *tela, cor, pincel, base fuste, capitel, arco em ogiva, vitral, pináculo de catedral, contraponto, sinfonia, máscara grega, magia, bastidor, Colombina e Arlequim, passo de dança;*
- 4.3.
 - a) *caravela quinhentista; que é cabo da Boa Esperança;*
 - b) *passarola voadora; desembarque em foguetão; na superfície lunar;*
 - c) *para-raios, locomotiva; alto-forno, geradora; ...*
5. O avanço (a evolução) do mundo é o resultado do sonho (da criação) do homem.



6. Sendo a pedra filosofal uma pedra mágica com capacidades extraordinárias, como transformar qualquer metal de baixo valor em ouro, o sonho, que também é capaz das maiores façanhas, também possui a capacidade de transformar a vida do Homem e o próprio mundo.

7. Os versos são heptassílabos (ou redondilha maior).

8. A segunda estrofe é uma sextilha.

9. A rima entre esses versos é emparelhada.

10. “avança” (v. 46) e “criança” (v. 48), por exemplo.

III

1. A- a, b, e, h, j

S- c, d, f, g, i

2. a) com, ao, conforme

b) Depois do, de, sem, para

c) Por cima da

d) Desde, com

3. a) O filme agradou-lhe muito.

b) O Joaquim ofereceu-lho.

c) Esperá-lo-ei quanto tempo for preciso.

d) Talvez o conheças.

e) Como estava frio, adiámo-la.

IV

Exemplo:

Se tu visses o que eu vi
deitavas as mãos à cabeça
três patos a jogar à sueca
e um cágado a andar depressa.

Se tu visses o que eu vi
desmaiavas de surpresa
uns ratos a dançar tango
em cima de uma mesa.



6. Sendo a pedra filosofal uma pedra mágica com capacidades extraordinárias, como transformar qualquer metal de baixo valor em ouro, o sonho, que também é capaz das maiores façanhas, também possui a capacidade de transformar a vida do Homem e o próprio mundo.

7. Os versos são heptassílabos (ou redondilha maior).

8. A segunda estrofe é uma sextilha.

9. A rima entre esses versos é emparelhada.

10. “avança” (v. 46) e “criança” (v. 48), por exemplo.

III

1. A- a, b, e, h, j

S- c, d, f, g, i

2. a) com, ao, conforme

b) Depois do, de, sem, para

c) Por cima da

d) Desde, com

3. a) O filme agradou-lhe muito.

b) O Joaquim ofereceu-lho.

c) Esperá-lo-ei quanto tempo for preciso.

d) Talvez o conheças.

e) Como estava frio, adiámo-la.

IV

Exemplo:

Se tu visses o que eu vi
deitavas as mãos à cabeça
três patos a jogar à sueca
e um cágado a andar depressa.

Se tu visses o que eu vi
desmaiavas de surpresa
uns ratos a dançar tango
em cima de uma mesa.